

DANÇANDO NO PRADO AO LUAR: LES ELFES (OS ELFOS). DE LECONTE DE LISLE, 1862.

DANSANT DANS LA PRÉAURE AU CLAIR DE LUNE: LES ELFES. PAR LECONTE DE LISLE, 1862.

Luciana de Campos¹

Resumo: Apresentamos uma proposta de tradução e análise do poema francês *Les Elfes*, de Leconte de Lisle, publicado em 1862. O poema apresenta o motivo dos elfos dançando no prado, um tema muito comum na mitologia e folclore da Escandinávia e também muito utilizado nas artes visuais do século XIX.

Palavras-chave: Elfos; Mitologia Nórdica; folclore; poesia parnasiana

Résumé: Nous présentons une proposition de traduction et d'analyse du poème français *Les Elfes*, de Leconte de Lisle, publié en 1862. Le poème présente le motif des elfes dansant dans la prairie, un thème très courant dans la mythologie et le folklore scandinaves et également largement utilisé dans les arts visuels du XIXe siècle.

Mots-clés: Elves; Norse mythology; folklore; Parnassian poetry

Introdução

O poeta parnasiano Charles Marie René Leconte de Lisle (1818-1894) é mais conhecido por Leconte de Lisle, e sua obra foi influenciada pelo Simbolismo e profundamente marcada pela referência ao mito ocidentais e orientais. Os seus poemas o tornaram célebre principalmente os apresentados em três coletâneas: *Poèmes antiques* (1852), *Poèmes barbares* (1862) e *Poèmes tragiques* (1884) (Vianey, 1973, p. 12-20).

A obra *Poèmes barbares*, publicada originalmente com o título de *Poésies barbares*, reúne diversos poemas que antes eram divulgados isoladamente em revistas, com temáticas variadas, indo desde a Clássica Antiguidade, passando pelo Oriente e Ocidente até o mundo

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, integrante do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). E-mail: fadacelta@yahoo.com.br Orcid: 0000-0002-2749-4122

nórdico medieval. Sobre essa última temática destacamos os poemas *Les Elfes*, *La legende des Norne*, *La vision de Snorr*, *Le cœur de Hialmar* e *L'épée d'Angantyr*.

A temática escandinava começou a ter interesse na literatura francesa no início do século XIX, após a publicação de uma obra seminal, *Introduction à l'Histoire de Dannemarc*, de autoria do suíço Paul-Henry Mallet, publicada pela primeira vez em Copenhague em 1755. Esta obra foi chamada no século XX de iniciadora da Renascença Nórdica, e teria despertado diversos escritores e artistas do Ocidente pela forma como eram apaixonados pela literatura e pela mitologia nórdica antiga.

Na França, diversos escritores se enveredaram por essa seara, transferindo posteriormente seu foco para a imagem do Viking, durante o início do Romantismo. Uma grande influência e inspiração para Lisle foi a obra de Xavier Marmier (1808-1892) (Vianey, 1973, p. 112). Na década de 1830, Marmier realizou diversas viagens à Escandinávia, onde teve a oportunidade de aprender as línguas islandesa e dinamarquesa. Em 1839, foi nomeado professor de literatura escandinava na Universidade de Rennes e publicou diversos livros sobre literatura nórdica, como *Langue et littérature islandaises* (1838), *Histoire de la littérature en Danemark et en Suède* (1839) e *Chants populaires du Nord* (1842). No que diz respeito aos estudos de Mitologia Nórdica, e, conseqüentemente a sua referência tanto na poesia, prosa ou nos textos teóricos, Lisle recorreu às traduções das Eddas realizada por Mallet em 1756.

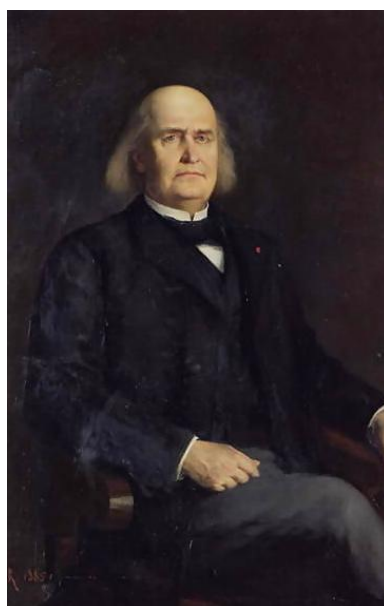


Figura 1: O retrato de *Charles Leconte de Lisle*, óleo sobre tela, de Jacques Leonard Blanquer, 1885, Château de Versailles, França.

O nosso projeto tradutório desse poema concentrou-se no que muitos teóricos da tradução denominam de "tradução recriada", ou seja, a proposta altera métrica e a rima, conservando a ideia central da obra e transmitindo ao leitor exatamente a mensagem expressa no poema. Como nossas escolhas, opções e ajustes mostram, portanto, que a tradução pode apresentar elementos que se tornaram inferiores ao original e que muitas vezes retornaremos à nossa criatividade e também a cruzamentos com outras leituras que eram mais destinadas a uma teoria da literatura medieval escandinava e em alguns pontos foi necessário "sacrificar" alguns termos, buscando equivalentes para que o sentido original do poema permanecesse. Portanto, realizamos uma tradução interpretativa do poema, sem levar em conta a sua rima e métrica, por exemplo, mas nunca menosprezando os critérios de fidelidade ao texto original, mas que por uma questão de adequação foram aqui suprimidos (Diniz, 2001, p. 10).

Para essa tradução não foi usado nenhum recurso de inteligência artificial, como no presente momento está sendo amplamente difundido e muitos pesquisadores têm optado por ele, fixando-se somente nas análises e deixando que cada leitor utilize os programas de tradução que melhor lhe convenha, deixando assim a tradução aberta. Essa opção muitas vezes proporciona ao leitor uma tradução de pouca qualidade ou mesmo equivocada. Diferentemente a tradução convencional já é mais cuidada e trabalhada, obrigando o tradutor - profissional ou não - a buscar o melhor sentido para determinada palavra, adequar gramaticalmente e, acima de tudo respeitar o texto original conservando as ideias que o autor concebeu na criação de sua obra.

A nossa tradução do poema de Lisle conservou o mesmo número de estrofes e versos mas não contemplou nem a métrica e nem a rima optando pelo verso livre, onde a extensão do verso foi utilizada de forma irregular e a linguagem do poema aproxima-se da linguagem falada do nosso tempo, distanciando-se da falada à época da composição do poema, sem com isso comprometer o entendimento do leitor e a lógica interna da obra, preservando a ideia original do poeta. O verso livre, ao mesmo tempo que conserva a originalidade do poema e

mantém na íntegra os sentimentos que o autor impregnou em cada palavra, permite que o leitor contemporâneo possa fazer uma leitura prazerosa muito próxima a sua própria linguagem falada e, ao mesmo tempo poder mergulhar na essência romântica do poeta que evoca seres feéricos e dialoga com outros poemas e narrativas que trazem os mesmos temas, como os elfos, os cavaleiros e as mulheres encantadas pela Morte.

Tradução

Les Elfes	Os Elfos
Couronnés de thym & marjolaine, Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine	Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado.
Du sentier des bois aux daims familier, Sur un noir cheval sort un chevalier Son éperon d'or brille en la nuit brune, Et, quand il traverse un rayon de lune, On voit resplendor, d'un reflet changeant, Sur sa chevelure un casque d'argent.	Pela trilha da floresta ao lado de um cervo, O cavaleiro vem montado em seu cavalo negro Sua espora dourada brilha na noite escura E, quando ele cruza com um raio de luar Vê, resplandecente o seu reflexo se movimentando, Com um elmo prateado sobre os seus cabelos.
Couronnés de thym & marjolaine, Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine	Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado.
Il's l'entourent tous d'un essain léger Qui dans l'air muet semble voltiger. - Hardi chevalier, par la nuit sereine, Où vas-tu si tard, dit la jeune Reine. De mauvais esprits hantent les forêts. Viens danser plutôt sur les gazons frais.	Todos o cercam como um enxame de luz Que parece esvoaçar no ar silencioso " Ousado cavaleiro na noite serena, Aonde vais tão tarde?" , disse a jovem Rainha "Espíritos malignos assombram as florestas, Venha dançar na relva fresca".
Couronnés de thym & marjolaine, Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine	Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado.
-Non! ma fiancée aux yeux clairs et doux Mattend, & demain nous serons époux. Laissez-moi passer, Elfes des prairies, Qui foulez en rond les mousses fleuries, Ne m'attardez pas loin de mon amour, Car voici déjà les leurs du jour.	"Não! Minha noiva de olhos claros e gentis Me espera e amanhã nos casaremos. Deixem-me passar, Elfos dos prados, Que dançam na relva florida, Não me afastem do meu amor, Porque aqui passam os seus dias!
Couronnés de thym & marjolaine,	

Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine -Reste chevalier. Je te donnerai L'opale magique & l'anneau doré, Et ce qui vaut mieux que gloire & fortune, Ma robe filée au clair de la lune. -Non. dit-il - Va donc! -Et son doigt blanc Elle touche au coeur le guerrier tremblant. Couronnés de thym & marjolaine, Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine Et sous l'opéron le noir cheval part, Il cort, il bondit & va sans retard; Mais le chevalier frissonne & se penche. Il voit sur la route une forme blanche Qui marche sans bruit & lui tend les bras: -Elfe, sprit, démon, ne m'arrête pas! Couronnés de thym & marjolaine, Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine Ne m'arrête pas, fantôme odieux! Je vais épouser ma belle aux doux yeux. -O mon cher époux, la tombe éternelle Sera notre lit de noce dit-elle: Je suis morte! - Et lui, la voyant ainsi, D'angoisse & d'amour tombe mort aussi. Couronnés de thym & marjolaine, Les Elfes, joyeux dansent sur la plaine	Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado. -Fique, cavaleiro. Eu lhe darei A opala mágica e o anel de ouro. E o que vale mais que a fama e a fortuna Meu vestido tecido com o luar. -Não, disse ele. -Vá então ! E com seu dedo branco Ela toca o coração trêmulo do guerreiro. Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado. E, sob a espora o cavalo negro parte, Ele corre, salta e vai sem demora Mas o cavaleiro estremece e se abaixa Ele vê na estrada uma forma branca Que caminha silenciosamente e estende seus braços em sua direção: -Elfo, espírito, demônio não me impeçam! Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado. -Não me impeçam, fantasmas odiosos! Vou me casar com a minha bela de olhos doces! -Oh, meu querido marido, o túmulo eterno Será nosso leito nupcial, ela diz: -Estou morta! - E ele vendo-a assim, De angústia e amor, também jaz. Coroados com tomilho e manjerona Os Elfos dançam felizes no prado.
---	--

Análise

Publicado em 1872, na obra, "Poemes barbares", o poema "Les Elfes", (Os Elfos), escrito por Leconte de Lisle, nos mostra uma visão romântica de seres encantados que, nas noites de Verão, dançam felizes nos prados enfeitados com guirlandas de tomilho e manjerona. Esses elfos que, a primeira impressão nos parecem inofensivos, pois apenas dançam iluminados pela

luz da lua sob o olhar atento de sua Rainha, na verdade estão ali para seduzir, ou melhor encantar os viajantes que se deixam levar pelos cantos e danças élficos e aceitam seus presentes, permitindo que esses seres que exalam o doce aroma do tomilho e da manjerona os aprisionem.

Leconte de Lisle compôs esse e outros poemas dando protagonismo a seres feéricos e míticos como um modo de valorizar esses personagens que apareciam em abundância nas recolhas de contos folclóricos que estavam sendo publicadas em diversos países mostrando assim, que a verdadeira alma da nação não estava nas grandes cidades, mas sim, no campo e nas histórias que as gentes simples contavam.

Nesse momento do século XIX as artes em geral - Visuais, Literatura, Música - os personagens mitológicos e folclóricos são os protagonistas de muitas obras mostrando a sua importância não somente como símbolos nacionais mas de uma valorização das tradições e crenças populares e, conseqüentemente do próprio país.

Mais do que apresentar esses seres mágicos, de Lisle faz uma espécie de bricolagem com poemas medievais, renascentistas, românticos e elementos folclóricos, como faziam muitos poetas expoentes do Romantismo, ele recria uma atmosfera nostálgica, reinterpretando e ressignificando temas literários e lhes concedendo uma nova interpretação.



Figura 2: *Ängsälvor* (Elfos do prado), óleo sobre tela, Nils Blommér, 1850. Reserva técnica do Nationalmuseum, Estocolmo, Suécia. Blommér realizou esta pintura quando esteve em Paris, em 1847. Ela tem ao fundo o castelo sueco de Gripsholm, bem como um cavaleiro aproximando-se da dança élfica em um prado sob a luz do crepúsculo (o tema principal do poema de de Lisle). Blommér foi um dos pintores envolvidos com a temática do romantismo nacionalista sueco e foi influenciado diretamente pela arte alemã: sua pintura sobre os elfos inspirou-se na tela *Elfentanz im Erlenhain* (Dança dos elfos em Erlenhain, 1844), de Moritz von Schwind. Reuterswärd, 1996. Todas as moças se parecem e portam os mesmos vestidos com cores idênticas. Elas estão com as mãos dadas e parecem flutuar sobre o prado. As cores claras das vestimentas parecem indicar inocência, mas também espiritualidade. O movimento de dança imita o símbolo do infinito, o número oito, simbolizando a vida eterna das fadas e elfos – um tema que será reaproveitado também pelo pintor britânico Arthur Rackham (Hennig, 2024, p. 28). Assim como em suas outras obras retratando seres da Mitologia Nórdica, Blommér apresenta os elfos com feições e padrões típicos da cristandade, lembrando anjos jovens.

O Romantismo, seja na literatura, na música ou nas artes visuais, sempre teve a Morte como um dos seus motes principais. O final que inevitavelmente chega para todos os seres vivos sempre fascinou os mais variados artistas mas, durante o século XIX e principalmente no movimento Romântico, a Morte exerceu um fascínio hipnotizante, levando a criações artísticas que encantam só pelo tema em si mas pela combinação de e jogo de palavras que

levam o leitor a se encantar pelo fatídico encontro que, chega com asas ligeiras ou não para todos.

O tema da Morte que chega por meio de uma bela mulher que não necessariamente habita esse mundo vai aparecer em muitos poemas que foram consagrados quando foram escritos. É o caso do poema “La belle dame sans merci”, de John Keats, publicado em 1819. Esse poema é sobre uma bela dama, filha de uma fada que com a doçura de sua voz e languidez do seu olhar, seduz um nobre cavaleiro e o sentencia a vagar pela floresta, suspirando pelo amor perdido sem jamais encontrar o caminho para sair dali até a morte chegar. Esse tema da *femme fatale* feérica foi uma recorrência em muitas obras de poetas e pintores do século XIX, entre eles podemos destacar os pré-rafaelitas como John William Waterhouse.

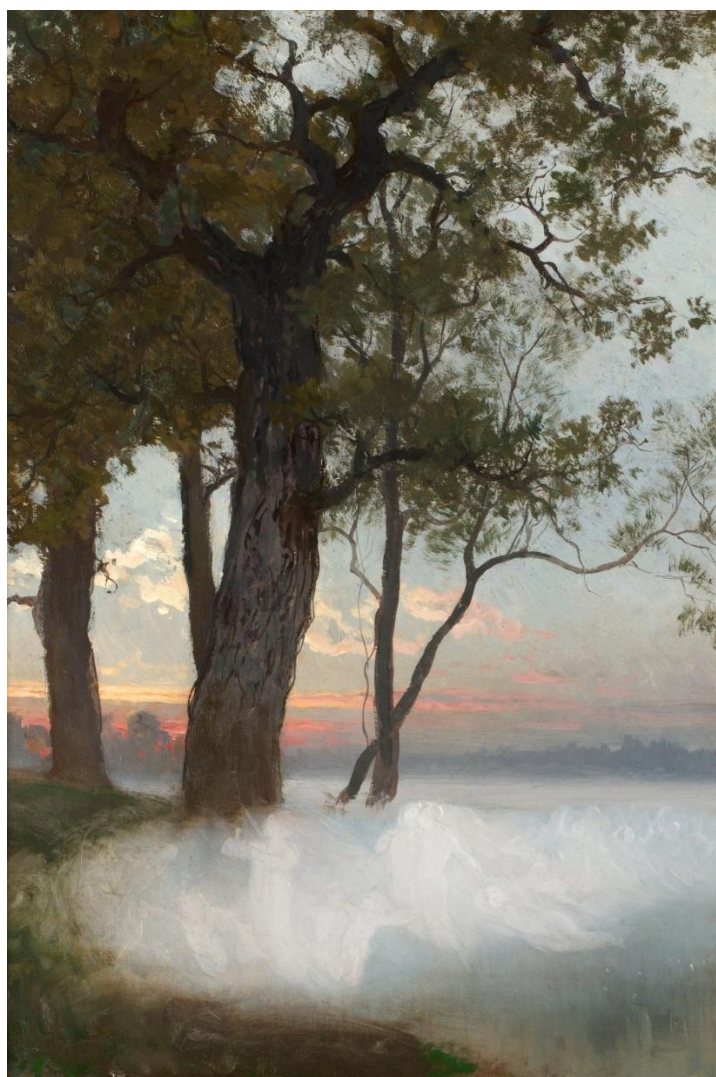


Figura 3: Älvalek (Dança dos elfos), óleo sobre tela, de August Malmström, 1850, coleção particular. Primeiro estudo de Malmström para a sua obra definitiva (ver figura 4).

Uma outra referência presente no poema é à peça escrita por William Shakespeare na década de 1590, “Sonho de uma noite de Verão”. Na peça uma das personagens é a rainha das fadas, Titânia, que junto a seu esposo Oberon, disputam o poder de fazerem com humanos se apaixonem causando alguns tumultos que, além de conferirem o tom cômico à obra, mostram como os seres feéricos podem seduzir, controlar e mudar o destino humano. Nessa peça, a ação das fadas apesar de causar alguma confusão é inofensiva, diferente do poema de de Lisle, Keats e de Théophile Gautier. Em 1836 Gautier publica o conto “Clarimonde - La morte amoureuse” - em tradução livre, “Clarimonda - a morte apaixonada”, um conto que narra a paixão avassaladora de um jovem e recém ordenado padre por uma misteriosa cortesã que mesmo morta promete ao seu amado um amor tão avassalador que será melhor do que o Paraíso. No conto os elementos fantásticos por Clarimonde ser uma vampira nos mostra que o amor é mais forte que a própria morte e que pode transcendê-la seja no pós túmulo, no sorriso da noiva morta-viva ou na dança dos elfos.



Figura 4: *Álvalek* (Dança dos elfos), óleo sobre tela, de August Malmström, 1866. Reserva técnica do Nationalmuseum, Estocolmo, Suécia. Aqui o autor abandona a representação classicista e cristã para representar os elfos (como em Blommér), aproximando-se mais dos relatos folclóricos. Na pintura, os elfos fundem-se com a névoa, resplandecente pelas luzes da lua, incorporando a neblina como um fenômeno natural e criando uma sensação de atmosfera mítica na paisagem. Como no folclore, os elfos aqui são associados com um riacho, seu lugar de moradia. Na pintura, os corpos dos elfos parecem ser fantasmagóricos, confundindo-os com os espíritos dos mortos. Malmström criou uma obra onde os seres élficos são um produto da natureza, influenciado diretamente pelo folclorista Hyltén-Cavallius (1818-1889) – assim, os elfos seriam seres primitivos do mundo natural, quase sendo uma verdade histórica e real – a neblina, aos olhares populares, seria um motivo sobrenatural advindo dos seres de outro mundo (Hennig, 2024, p. 32-33).

O amor que transcende a morte além de ser um tema recorrente nas artes do Romantismo em muitas obras como a de Keats, de Lisle, Gautier entre outros, vão se inspirar duas fontes.

A primeira, vários poemas e baladas medievais e renascentistas que descrevem belas mulheres, que não pertencem à esse mundo, mas são fadas que vivem nas florestas e, nesse lugar de aventuras para os cavaleiros elas os capturam e, ou os levam para o seu mundo ou os enlouquecem e são condenados a vagar entre árvores e musgos até o fim de seus dias, enlouquecidos pelo amor daquelas que só desejam a sua insanidade.

A Rainha élfica, usando um vestido tecido com os raios do luar o que lhe confere uma luminosidade fugaz, que assim que os dedos róseos da Aurora surgirem ela desaparecerá e, o cavaleiro que se deixou inebriar pela doçura das suas palavras e dos seus beijos, terá somente a solidão e a loucura como companheiras, tal e qual o poema de Keats. Essa personagem convida o cavaleiro que está resoluto a seguir seu caminho e não ceder aos encantos da Rainha, pois, a sua noiva, de olhos doces o aguarda para celebrarem o matrimônio. O jovem cavaleiro e a Rainha élfica ficam com uma espécie de tensão onde ela promete prazeres que ele não conhece e ele responde com o seu voto de fidelidade à noiva que estava longe, protegida do poder de sedução desses seres que à noite dançam para enredar e enlouquecer viajantes incautos e jovens apaixonados.

Mas, o cavaleiro é vítima não só do amor rejeitado da Rainha dos Elfos, ele é vítima da Morte que, leva o corpo de sua noiva, mas deixa sua alma livre para encontrar com seu amado

e, num passe de loucura arrebatá-lo para o abismo que é a paixão que permanece viva no pós túmulo.

Assim, tal como na balada medieval ou no outro poema romântico, o amor e a loucura caminham juntos e tanto a Rainha Élfica como a noiva morta provocam a insanidade do cavaleiro levando-o por caminhos tortuosos pela floresta que já foram traçados pelos elfos que, sob a luz da Lua dançam felizes enquanto fitam sua bela rainha e contemplam a imersão no mórbido amor do cavaleiro e sua noiva cadáver.

Segundo, em tradições folclóricas que estão sendo recolhidas por vários homens letrados que, no século XIX, acreditavam que a “alma da nação” estava salvaguardada pelas pessoas que moravam no interior, distantes das movimentações urbanas e das rápidas mudanças que o progresso desse século proporcionava. As narrativas, as canções, as danças e as crenças começaram a ser recolhidas e publicadas em coletâneas que logo alcançaram muito sucesso revelando um lado idílico das nascentes nações europeias e oferecendo farto material para que poetas, músicos e pintores pudessem se inspirar e compor obras que não só mostrassem esse lado desconhecido por assim dizer de parte da população.

Neste sentido, o livro *Chants populaires du Nord* (1842), de Xavier Marmier, forneceu diversas recolhas folclóricas escandinavas para de Lisle, dentro da temática dos elfos, sendo uma de suas principais influências para a composição de seu poema (Viany, 1973, p. 147).

O folclore e as crenças mágicas sobre elfos inspiraram muitas obras artísticas no final da primeira metade do século XIX: sinfonias, como “A dança dos elfos” (Elverdano), composta em 1867 por Edvard Grieg, pinturas como a de August Malmstrom que em 1866 pintou “Alvalek” ou Dança dos Elfos e, finalmente, “o último romântico”, Laconte de Lisle que nos legou o poema “Os Elfos”, onde ele de maneira singular nos legou esse poema que, nos traz elementos da tradição nórdica, os elfos mesclados ao perfume mediterrâneo de manjerona e tomilho, onde personagens folclóricos das terras geladas dançam alegremente com as plantas consagradas à Afrodite do quente e lascivo mediterrâneo.



Figura 5: Ilustrações de elfos para a edição *Les Elfes*, de Leconte de Lisle, edição de 1935, ilustrações de Vashti M. Vincent. Fonte: <https://www.rnoturner.co.uk/copy-of-vashti-vincent-returning-2> Ao contrário dos pintores suecos Nils Blommér e August Malmström, o artista Vashti Vincent foi influenciado muito mais pela tradição visual britânica do final do século XIX, onde os elfos não seriam simplesmente seres de outro mundo e entidade sobrenaturais, mas uma espécie de raça diminuta (como os anões e gnômons), vivendo entre a natureza e as plantas.

“Coroados com tomilho e manjerona”, esse é o primeiro verso do poema, “Os Elfos”. A primeira descrição que o poeta nos passa dessas criaturas feéricas é que elas estão usando coroas feitas com ervas muito aromáticas que espalhavam a sua fragrância enquanto, de mãos dadas, eles dançavam felizes no prado junto a sua Rainha que se vestia de luar.

Essas duas plantas, o tomilho (*Thymus vulgaris*) e a manjerona (*Origanum majorana*) são plantas nativas da região mediterrânea, no sul da Europa, estendendo-se pela Ásia Menor até o Oriente Médio. São espécies nativas de regiões mais quentes que necessitam, além de temperaturas mais altas e um clima mais seco para se desenvolverem sendo, portanto, no século XIX de difícil cultivo em áreas mais frias, a não ser em estufas que de forma artificial proporcionam um ambiente semelhante ao natural permitindo o seu desenvolvimento.

Tanto o tomilho como a manjerona, são vegetais endêmicos nas regiões citadas acima e crescem aleatoriamente em campos e pradaria o que segundo a lógica interna do poema, facilitaria para os elfos colherem as ramas de tomilho e manjerona e confeccionarem suas guirlandas.

Essas plantas não foram escolhidas aleatoriamente pelo autor, ambas possuem um simbolismo ligado ao amor, à paixão e ao desejo amoroso.

A manjerona (*Origanum majorana*) planta nativa da Ilha de Chipre, território que pertence à bacia do Levante e apesar de ser uma ilha faz fronteira com a Europa, Oriente Médio e Ásia Menor e devido a sua localização geográfica o clima predominante é quente e seco, ideal para o surgimento da manjerona. Essa planta possui um nascimento mítico: o filho do rei de Chipre, Amáraco, era exímio perfumista que sabia extrair as mais delicadas fragrâncias que agradavam muito a deusa Afrodite que era cultuada na ilha. O príncipe conseguiu extrair de uma mistura de plantas e flores uma fragrância nunca antes sentida e, feliz com seu trabalho, foi com um pequeno pote, apresentar o mais delicado dos aromas. Por um infortúnio ele derrubou o pote e a essência se espalhou pelo chão impregnando o ar com um perfume deleitoso. Triste pelo acontecido o Amáraco não resistiu e morreu. Compadecida pela perda do talentoso perfumista, Afrodite o transformou em uma planta delicada e muito aromática, a manjerona, que é o símbolo do amor entre os amantes que passaram a usar, ou uma coroa ou ramos de manjerona em suas vestes em honra tanto ao príncipe perfumista como a Afrodite, protetora dos amantes.

A escolha dessa planta para fazer parte da coroa usada pelos elfos enquanto dançam e seduzem é uma alusão à Afrodite, deusa do amor e do sexo que, mesmo não tendo ligação com esses seres feéricos, o autor como um filho do século XIX busca na tradição clássica greco-latina, os referenciais para o seu poema que, seriam facilmente entendidos pelo seu público. É preciso pensar na recepção do poema: os leitores da época da publicação da obra conheciam narrativas da mitologia clássica, e mais especificamente algumas ligadas ao aparecimento de plantas e flores não só pelo seu uso na gastronomia e uso medicinal mas porque no século XIX principalmente na segunda metade, havia uma código para a comunicação entre amantes que as palavras e frases eram substituídas por flores e ervas. A chamada “floriografia”, ou código das flores, era utilizada para o envio de mensagens secretas de amor, principalmente entre aqueles que viviam relações ilícitas e extra-conjugais. Um exemplo de floriografia muito utilizada na Era Vitoriana eram as rosas, vermelhas, demonstravam paixão intensa, já, as brancas, pureza e castidade, o amor-perfeito, pensamentos amorosos. A manjerona, quando era ofertada em pequenos ramos, significava que o amor era verdadeiro e quando estava em

ramalhetes com outras flores mostrava o afeto e a dedicação amorosa exclusiva que existia entre os amantes.

A floriografia foi muito difundida no século XIX, principalmente durante a Era Vitoriana quando o interesse tanto pela botânica como pela jardinagem cresceram muito e praticamente toda a população dos mais abastados aos mais humildes eram incentivados a cultivar várias espécies vegetais mesmo em espaços reduzidos. A publicação em jornais de grande circulação e até publicações especializadas eram muito populares, E é nessa mesma época que os sentimentos eram pouco demonstrados pois a discrição e sobriedade eram as regras que regiam o período e, as flores eram o canal de comunicação que permitia expressar os sentimentos arrebatadores.

Essa prática tem a sua origem no Império Otomano, em Constantinopla, quando as flores, principalmente as tulipas, eram utilizadas para transmitir recados amorosos. No século XVIII a floriografia chega à Inglaterra na primeira década e logo em seguida é introduzida na corte sueca onde também alcançou grande sucesso mas o apogeu foi mesmo no século XIX quando conquistou todas as cortes da Europa chegando inclusive à América, ganhando espaço em cidades como Nova York, Rio de Janeiro e Buenos Aires.

A outra espécie vegetal que adorna a coroa dos elfos é o tomilho (*Thymus vulgaris*), uma espécie que nativa da mesma região que a manjerona mas que possui seu uso documentado desde o Antigo Egito quando era utilizada tanto no processo de mumificação como no preparo de infusões e unguentos cicatrizantes. A sua difusão pela Europa deve-se aos romanos que utilizavam os ramos verdes de tomilho para purificar e perfumar seus aposentos pois acreditavam que a fumaça perfumada resultado da queima da planta deixaria o ambiente livre de qualquer impureza. Mas as propriedades do tomilho. Por ter uma inflorescência abundante, o tomilho foi também muito utilizado na apicultura. Suas flores brancas ou rosadas atraíam abelhas e o seu mel além de ter um sabor especial era largamente usado como medicamento contra febre e dores nas articulações.

No poema, o tomilho é representado ao lado da manjerona, duas plantas altamente aromáticas e ligadas à paixão amorosa. O tomilho, devido a sua resistência e por crescer e se multiplicar em áreas pedregosas e em solo com poucos nutrientes, ele é a representação da

força e da resistência que no caso específico do poema podemos interpretar como motivação para a sua dança sensual e, por vezes, mortal.

A combinação dessas duas espécies vegetais na coroa dos elfos é uma imagem poética criada pelo autor para oferecer às criaturas do folclore nórdico a sensualidade do quente mediterrâneo mostrando aos seus leitores, de ontem e de hoje que tanto a mitologia clássica tão celebrada, e o folclore, que para alguns não merece ser estudado, podem fazer composições belíssimas e oferecer uma multiplicidade de análises que mesmo séculos depois nos proporcionam novas e prazerosas leituras.

Referências Bibliográficas:

- BOYER, Régis. *Le mythe Viking dans les lettres françaises*. Paris: Editions du Porte-Glaive, 1986
- DINIZ, Thais Flores Nogueira. "Apresentação" in: *Cadernos de Tradução* V. 1, no. 7, 2001.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/430/showToc>.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*.
- HENNIG, Ida Ganmark. *En bild av älvan: En studie om älvan i Sverige och Storbritannien under åren 1850–1910*. Monografia de bacharelado em artes, Universidade de Uppsala, 2024.
- JOLY, Ayltohon Brandão. *Manual de taxonomia vegetal*. São Paulo: EDUSP, 1968.
- LA TOUR, Charlotte de. *Le langage des fleurs*. Paris: Garnier Frères, 1858.
- LE BRIS, Michel. Barbares romantiques, norsemen et saxons. In: GLOT, Claudine (Dir.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Hoebeke, 2002, pp. 176-180
- MALLET, Paul-Henry. *Introduction à l'Histoire de Dannemarc, ou l'on traite de la religion, des loix, des mœurs et des usages des anciens danois*. Copenhague: L. H. Lillie, 1755.
- MALLET, Paul-Henry. *Edda, ou Monumens de la mythologie celtique et de la poésie des anciens peuples du Nord*. Copenhague: Claude Philibert, 1756.

MARMIER, Xavier. *Chants populaires du Nord*. Paris: charpentier, 1842.

REUTERSWÄRD, Patrik. Två fullödiga verk av Nils Jakob Blommér: Angsälvor och ett makalöst porträtt. *Konsthistorisk tidskrift/Journal of Art History* 65(1), 1996, pp. 207-216.

SIMEK, Rudolf. Elves. In: *Dictionary of Northern Mythology*. London: D.S. Brewer, 2007, pp. 73-74.

VIANEY, Joseph. *Les sources de Leconte de Lisle*. Genève: Slatkine Reprints, 1973.